

<u>Araruna</u>

Tenho um sobrenome que é nome de ave. Araruna. Arara preta. Um nome que veio antes de mim, mas que ninguém nunca me ensinou a guardar.

Não sei quase nada desse lado da minha família. Não sei as histórias, não conheci os rostos, não ouvi as línguas.

Nem sei direito de onde vieram, só sei que vieram. E que eu fiquei aqui, com o nome.

Cresci entre palavras ocidentais, entre certezas muito bem organizadas.
Mas mesmo assim, desde pequena, tem alguma coisa que me chama.
Um sopro, um silêncio.
Como se uma parte de mim soubesse de um lugar que eu nunca pisei.

Não é sobre saber. É sobre sentir. Não é sobre ter certeza. É sobre ouvir bem baixinho. Porque o que foi apagado, às vezes, não desaparece.
Só muda de lugar.
E se esconde em sonhos, em saudades sem causa, em perguntas que nascem do nada.

A araruna é uma ave que quase ninguém vê. Preta, rara, silenciosa.
Alguns dizem que nem existe mais.
Outros dizem que ela ainda voa, só que longe, no fundo da mata, onde a pressa não alcança.

Às vezes penso que minha herança é isso. Algo que foi levado pra longe, mas que de algum jeito, ainda sobrevoa minha vida.

Não sei o que fazer com isso.

Não quero forçar caminhos, nem inventar o que não é meu.

Mas também não quero ignorar.

Porque tem algo nesse nome que me pesa bonito no peito.

Uma lembrança que eu nunca tive,
mas que insiste em mim como se fosse.

E talvez seja mesmo. Talvez a memória também seja feita de ausência De tudo o que nos falta, mas que ainda assim nos molda. Tem dias que eu esqueço.
Tem dias que eu sinto com força.
É quando o vento bate torto na cara,
quando fico quieta demais e o mundo parece mais
fundo,
e algo em mim reage
sem que eu saiba exatamente por quê.

Talvez nunca saber seja parte da herança também Carregar um nome indígena sem conhecer a aldeia, sem ouvir as vozes, sem ter com quem perguntar, é como herdar um instrumento sem saber tocar.

Mas ainda assim sentir quando encosta, quando sopra. Eu não tenho respostas Mas eu sigo.

Sigo respeitando o que me escapa. Sigo tentando me aproximar sem pressa. Sigo deixando que a araruna me acompanhe, mesmo que de longe.

Talvez um dia eu entenda mais. Ou talvez o entender nem seja a parte mais importante. Talvez só escutar já seja um começo.

Flora Araruna